



UMA PROPOSTA DE LEITURA DO LUGAR DO ESTRANGEIRO EM *UMA MARGEM DISTANTE*

THE PLACE OF THE FOREIGNER IN *A DISTANT SHORE*: A READING PROPOSAL

Denise Almeida Silva¹

Em certo sentido, “pedagogia” significa precisamente “diferença”; educar significa introduzir a cunha da diferença em um mundo que sem ela se limitaria a reproduzir o mesmo e o idêntico, um mundo parado, um mundo morto.

Tomás Tadeu da Silva, “A produção social da identidade e da diferença”

[...] do amor ao ódio, o rosto do estrangeiro nos a manifestar a maneira secreta que temos de encarar o mundo, de nos desfigurarmos todos, até nas comunidades mais familiares, mais fechadas.

Kristeva, *Estrangeiros para nós mesmos*

RESUMO: Endossando a posição de Silva (2000), que considera a produção da identidade e da diferença como um problema social e pedagógico, esta análise propõe o estudo da literatura como fórum privilegiado para o debate em torno de uma filosofia da diferença que realmente celebre o múltiplo, e toma o romance *Uma margem distante*, de Caryl Phillips como provocação para essa discussão. Após, inicialmente, descrever os mecanismos relacionais, classificatórios e simbólicos envolvidos na atribuição da identidade e da atribuição do *status* do forasteiro, passa à proposição de uma leitura que efetivamente reconheça e questione os mecanismos de produção da diferença.

PALAVRAS-CHAVE: alteridade, diferença, estrangeiro, Caryl Phillips, *Uma margem distante*.

ABSTRACT: Endorsing Silva’s contention that the production of identity and difference is a social and educational problem (2000), this analysis proposes the study of literature as a forum for a debate on a philosophy of difference that really celebrates the multiple and the novel. Taking Caryl Phillips’s novel *A Distant Shore* as a provocation for this discussion, this study initially describes the relational and classificatory mechanisms involved in the attribution of identity and of the outsider status, and proceeds to propose a critical reading of the novel that in effect may take in consideration mechanisms that produce difference, and interrogate them.

KEYWORDS: otherness, difference, foreigner, Caryl Phillips, *A distant shore*.

¹ Dr. em Letras- Literaturas de Língua Inglesa. Professora do Departamento de LLA e Coordenadora do PPGL- Mestrado em Letras- Literatura Comparada, URI/Frederico Westphalen, RS, Brasil. dasilva@fw.uri.br
Pesquisa realizada com apoio do CNPq.



Identidade, Woodward define de maneira concisa, nada mais é do que as “posições que assumimos e com as quais nos identificamos” (2000, p. 55). De certa forma, atribuir uma identidade a alguém equivale a organizar nossa percepção do mundo. Ante a massa indiferenciada de informações, surge a necessidade de distinguir o que identifica uma pessoa ou grupo, discriminando entre aquele que acolhe ou, no extremo oposto, o que fere, o que representa segurança ou o que se constitui em perigo em potencial. É necessário, pois, separar, classificar, distinguir os “nossos” dos “outros”. Assim, atribuir uma identidade a alguém é um ato classificatório que implica uma comparação e distinção entre um ser ou comunidade e o(s) seu(s) outro(s).

Embora essa demarcação possa ser feita num espírito de abertura e integração, mais frequentemente é usada para estabelecer barreiras demarcatórias, via de regras excludentes, baseadas na divisão entre o eu e o não-eu. Uma vez que o sujeito enunciador é tomado como ponto referencial, normalmente se autoconstitui em parâmetro validador, ficando tudo e todos que diferem dele classificados como o outro, que já de saída é concebido com um saldo devedor em relação às virtudes do sujeito tomado como referencial. Percebe-se, assim, que a identidade é necessariamente relacional; o que muitas vezes passa despercebido é que essa marcação da diferença se processa através de sistemas simbólicos de representação que estão intimamente relacionados aos mecanismos de poder.

Pensemos, por exemplo, a condição do forasteiro. Como definida por Woodward, essa categoria está relacionada à sinalização da transgressão do sistema social vigente, não se restringindo a critérios de deslocamento geográfico: o cruzamento de qualquer fronteira emite sinal simbólico de alerta ao sistema social, garantindo, assim, o controle social. Forasteiro é, então, o criminoso, o estrangeiro, ou ainda todo aquele que apresenta comportamento e/ou aparência em flagrante contraste ou desacordo com a norma da comunidade. Vinculada ao perigo, a identidade do forasteiro, produzida sempre em referência a do habitante local, acaba sendo separada e marginalizada. A distinção local x forasteiro é, assim, fruto de sistemas culturais de classificação cujo objetivo é a criação/manutenção da ordem; tais atos classificatórios são rotina na vida de uma comunidade (WOODWARD, 2000, p. 46).



A fim de esclarecer ainda mais esse conceito, tomemos como exemplar a experiência de funcionária transferida da capital para uma pequena cidade do interior. Quando recém chegada, invariavelmente ao entrar em um estabelecimento comercial, era saudada com a pergunta: “De onde você é?” Uma vez constatada a ausência de registro da imagem visual do comprador, e percebida a diferença de sotaque, configurava-se a percepção de forasteira, e acendia-se o alarme: não é dos nossos, será confiável? Embora o conteúdo manifesto da pergunta fosse de natureza geográfica, seu conteúdo latente alinhava-se muito mais ao estabelecimento da identidade do comprador, sendo na verdade sinônimo de “ Quem é você?”

O diálogo inicial era extremamente previsível, e transcorria mais ou menos assim: “De onde você é?” “De Porto Alegre”. “Está a passeio?” “Não”. Nesse momento seguia-se pausa, que normalmente era resolvida de uma de duas maneiras: ou a funcionária, cooperativa, esclarecia o que fazia na cidade, ou o interlocutor intuía esse fato, indagando: “Trabalha na empresa X?” Confirmada a hipótese, o lojista tornava-se todo sorriso: a sua frente estava uma forasteira, é certo, mas trabalhava na maior empresa da região, o que não só justificava sua residência na cidade, como garantia que detinha o poder aquisitivo desejado – definitivamente podia ser incluída como “das nossas”.

Ao discorrer sobre a produção social da identidade e da diferença, Silva (2000, p. 97-101) discute como a questão da identidade e da diferença é, ao mesmo tempo, um problema social e um problema pedagógico. Em uma sociedade atravessada por diferenças, crianças e jovens necessariamente se cruzam com seus outros também no contexto escolar, o que leva o teórico a pensar em possíveis estratégias pedagógicas. Uma possibilidade seria adotar a estratégia “liberal”, estimulando o cultivo de bons sentimentos e boa vontade para com aquele que pertence a outro gênero, ou aquele cuja cor, sexualidade, ração, nacionalidade ou mesmo corpo são diferentes. Uma segunda estratégia seria a “terapêutica”, que consistiria em tratar psicologicamente atitudes baseadas em procedimentos preconceituosos e discriminatórios. Uma terceira alternativa seria apresentar o outro sob a rubrica do curioso e do exótico, uma abordagem que geralmente recua no tempo e/ou espaço, para evitar riscos de confronto.. Finalmente, Silva apresenta um quarto procedimento, que lhe parece mais efetivo: a abordagem em que a pedagogia e o currículo tratariam a identidade e a diferença como questões de política, esclarecendo seus



mecanismos de produção. Nesse contexto, para além de reconhecer e celebrar a diferença e a identidade, leva-se ao questionamento das mesmas.

No currículo privilegiado pelo teórico, alunas e alunos deveriam ser estimulados a

explorar as possibilidades de perturbação, transgressão e subversão das identidades existentes. De que modo se pode desestabilizá-las, denunciando seu caráter construído e sua artificialidade? Um currículo e uma pedagogia da diferença deveriam ser capazes de abrir o campo da identidade para as estratégias que tendem a colocar seu congelamento e sua estabilidade em xeque; hibridismo, nomadismo, travestismo, cruzamento de fronteiras (SILVA, 2000, p. 100).

Em sua argumentação a favor de “toda experimentação que torne difícil do retorno do eu e do nós ao idêntico”, Silva traça diferença entre o múltiplo e o diverso. Enquanto o primeiro envolve sempre um processo, operação ou ação, o segundo é um estado. A diversidade é estética, estéril, e limita-se ao existente reafirma o idêntico; a multiplicidade é ativa, fluxo produtivo, e multiplica, dissemina, estimulando a diferença que evita a fusão com o idêntico (2000, p. 100-101). Este ensaio propõe o estudo da literatura como fórum privilegiado para o debate em torno de uma filosofia da diferença que realmente celebre o múltiplo, e toma o romance *Uma margem distante*, de Caryl Phillips como provocação para essa discussão.

A produtividade de *Uma margem distante* para uma leitura reflexiva sobre identidade e diferença fica patente quando se considera como o romance põe em evidência a condição de estrangeiro a partir de ótica plural. Contra o pano de fundo de uma Inglaterra em mudança, Phillips escolhe construir duas vidas paralelas: a de Dorothy, cidadã inglesa que progressivamente perde suas referências sociais e afetivas, acabando como interna em clínica psiquiátrica, e a de Solomon, refugiado africano que em vão busca encontrar na Inglaterra o lar que sua pátria natal, afetada pela guerra civil, já não mais lhe oferece. Mesmo um sucinto resumo como este deixa perceber como a obra, ao apresentar tanto o nativo como o forasteiro como igualmente deslocados na Inglaterra, problematiza o conceito de estrangeiro, desconstrói a noção de lar e de pátria, e convida à interrogação das forças que produzem a diferença.



O romance é, ainda, particularmente convidativo ao exercício da leitura crítica dadas as peculiaridades de sua construção. As vidas de Dorothy e Gabriel/Solomon são narradas ao longo de cinco partes, em que se intercala a narração da história de cada protagonista: a primeira, que se inicia *in medias res*, mescla a vida de ambos, apresentando a fase final de suas vidas em Stoneleigh; a terceira e quinta parte atém-se à vida de Dorothy, e a segunda e quarta narram a fuga de Solomon da África e seus momentos iniciais na Inglaterra. Além disso, no interior de cada parte, a narração é fragmentária, com numerosas prolepses e analepses.

Essa estrutura narrativa oferece, por si só, um desafio ao leitor. Aplicando-se a conhecida taxonomia de Benjamin Bloom a uma análise literária, pode-se raciocinar que a plena compreensão do romance demanda o uso de todas as progressivas funções mentais do domínio cognitivo, como por exemplo: conhecimento (nomear os personagens), compreensão (identificar as partes da narrativa que se referem a cada personagem), aplicação (esboçar resumo da história vital de cada personagem), análise (distinguir, diferenciar, comparar e contrastar a história de cada personagem), o que possibilita a síntese indispensável à avaliação crítica da história narrada..

Se, como Silva define, pedagogia pode ser definida precisamente como “diferença” e se “educar significa introduzir a cunha da diferença em um mundo que sem ela se limitaria a reproduzir o mesmo e o idêntico” (2000, p. 101), uma leitura que reconheça e avalie a produção da alteridade no romance deverá, necessariamente, ser capaz de distinguir a construção dualidade “nós”/ outro, especialmente como expressa pela chegada do estrangeiro, cuja presença, com sua marca inescapável de alteridade, desestabiliza uma comunidade. Como Kristeva descreve, no estrangeiro

esse rosto tão *outro* traz a marca de um limite transposto que se imprime, de modo irremediável, numa calma ou numa inquietação, seja ela perturbada ou alegre, a expressão do estrangeiro assinala que ele está “a mais”. A presença de uma tal fronteira interna e visível desperta os nossos sentidos mais arcaicos traves de um gosto de queimado. Preocupação ou exaltação que se consomem pelo fogo, depositadas ali naqueles traços diferentes, sem descuido, mas também sem ostentação, como um convite permanente a alguma viagem inacessível, exasperante, cujo código o estrangeiro não possui, mas cuja memória silenciosa, física, visível, ele guarda (1994, p. 11).



Este ensaio faz um recorte do romance, detendo-se especialmente na sua segunda parte, onde se narra a infância e juventude de Gabriel/Solomon, sua militância na guerrilha na terra natal, fuga para a Europa e chegada à Inglaterra, prisão, libertação e opção de viver no norte do país. Como se verá, esse resumo inicial não reflete a estrutura da obra, em que abundam prolepses e analepses.

Uma margem distante, como já comentado, inicia *in medias res*, de forma que as primeiras informações que o leitor tem sobre Solomon e sua vida e morte e Stoneleigh são filtradas pelo olhar de Dorothy. A segunda parte do romance retoma a narrativa de sua vida a partir do momento em que se encontra encarcerado, compartilhando a prisão com Said, retrocedendo daí à narração do momento em que sua mãe e irmãs são assassinadas pelos soldados rebeldes, à procura pelo tio, Joshua, e à fuga desesperada em sua companhia, narrando ainda o assassinato cometido para poder financiar a fuga. Após voltar brevemente à narração do tratamento dispensado a ele na ela, a narrativa da fuga para Europa e chegada à França, e daí à Inglaterra é retomada, mas não de forma linear: intercala-se a narrativa da fuga com a da estada na prisão e a atuação de Katherine, advogada que trabalha em uma firma de advocacia para imigração, no sentido de construir sua defesa. O silêncio do acusado pouco ajuda a advogada, e oferece uma lacuna a ser construída mais adiante pelo leitor, que ignora quem é a garota e a exata acusação que pesa sobre o africano com referência a ela.

A leitura é ainda mais desafiadora porque até o momento a única garota mencionada é Amma, a imigrante que fugia com um bebê, a quem o fugitivo havia ajudado, e por quem havia se afeiçoado, somente para ser abandonado por ela, que prefere seguir para a França com Joshua a prosseguir na direção da Inglaterra. É somente depois que narrativa retrocede mais uma vez à infância de Solomon, e o seu ingresso, a pedido do pai, num grupo guerrilheiro, onde assume a alcunha de Falcão e luta pelo fim da guerra fratricida que, avançando à sua chegada na Inglaterra como clandestino em um navio, narra-se seu encontro com Denise, a garota a que Katherine se refere.

O conhecimento da acusação que pesa sobre o prisioneiro é adiado, porém, uma vez que a narrativa volta à cena do julgamento e ao enceramento do caso devido à recusa da garota a testemunhar, prosseguindo daí aos primeiros momentos do ex-prisioneiro nas



ruas de Londres, sua procura por Katherine e o conselho de que fuja para o norte, para então retornar aos primeiros momentos na Inglaterra, e narrar como o pai de Denise o encontrara dormindo, abraçado a ela, e o acusa (falsamente) de estupro.

Ao final dessa segunda parte do livro, o leitor acompanha os primeiros momentos do protagonista na prisão, seu encontro inicial com Katherine, que lhe explicita a acusação e os procedimentos da defesa, e, finalmente, o encontro com o homem que lhe dá carona para o norte. É somente no diálogo final que o leitor recupera o fato de que o personagem sobre quem leu, que se apresenta, nessa segunda parte, sob o nome de Gabriel, é, na verdade, o mesmo Solomon com quem travara contato na primeira parte do romance. Uma vez que as análises escolares na maioria das vezes limitam-se a se constituir em resumos da trama, cita-se o diálogo final desta parte do romance, para, a partir daí, estabelecer uma proposta de leitura do papel do estrangeiro na obra:

O homem olha interrogativamente para Gabriel e tira a mão do controle do rádio. Olha outra vez para Gabriel.

- Está indo para o norte, suponho?

Gabriel assente.

- Sim, por favor, para o norte.

O homem registra a informação e por alguns momentos dirige em silêncio.

- Você não é afro-caribenho, é?

Gabriel balança a cabeça e fala com calma.

- Não, eu sou da África.

- África! – exclama o homem, como se agora tudo fizesse sentido. – Você quer fumar?

Gabriel sacode outra vez a cabeça.

- Então, qual é o seu nome?

Gabriel pensa por um momento, e então se lembra do que Katherine lhe dissera.

- Solomon – diz ele. – Meu nome é Solomon.

- Como na Bíblia.

Gabriel assente.

- Sim, claro. Alguma coisa assim (PHILLIPS, 2006, P. 213-14).

Um típico resumo normalmente narraria essa parte da história como segue: O motorista olha fixamente para Gabriel, e pergunta-lhe se vai para o norte. Gabriel diz que sim, e pede-lhe que, por favor, o conduza para lá. O motorista continua em silêncio por algum tempo, e lhe pergunta se é afro-caribenho; Gabriel nega, e responde que vem da



África. O homem repete “África”, como se entendo tudo; oferece-lhe cigarro, e depois lhe pergunta o nome. Lembrando da advertência de Katherine, o homem mente, e diz que seu nome é Solomon; o motorista lembra que esse nome é bíblico.

Embora um resumo como esse esteja tecnicamente correto, fica ao nível da compreensão, reafirmando os fatos expressos no diálogo, sem oferecer interpretação e análise; tão pouco distingue entre fatos essenciais e acessórios. Um resumo que requeira o pensamento analítico propriamente dito, como quando se solicita ao aluno narrar uma história sob o ponto de vista de um personagem, requer seleção de fatos, reorganização da história, e avaliação crítica da narrativa. O exemplo acima carece de propósito maior que não seja o de meramente narrar os acontecimentos.

Uma leitura que levasse em conta o lugar do estrangeiro deveria, necessariamente, delimitar uma base conceitual a partir da qual o conceito fosse tratado, e, a partir daí, direcionar a análise nesse sentido. Apresentou-se tal fundamento conceitual neste ensaio, ao início, quando discutiu-se a natureza relacional e classificatória da identidade, e suas implicações simbólicas. Ademais, estabeleceu-se a diferença entre o múltiplo e o diverso, acentuando a produtividade do primeiro conceito sobre o segundo. Pensa-se que uma leitura crítica deveria centrar-se na decifração da construção da dualidade eu/outro enquanto visão do múltiplo ou do diverso, de seus mecanismos simbólicos de produção, e das possíveis razões pelas quais o texto foi assim construído.

No diálogo em tela, apesar da amabilidade do motorista, fica patente uma certa perturbação por parte do motorista. É necessário que ele, inicialmente, saiba quem é o homem a quem ofereceu carona, e classifique-o, situando-o no contexto social e cultural em que vive, pois a perturbação introduzida pela presença do novo precisa ser resolvida para que seja mantida a ordem de acordo com a qual ordena sua visão de mundo. Salta aos olhos que o homem a seu lado é estrangeiro, pois a sua aparência física assim o denuncia. Discreto, o motorista tenta primeiro estabelecer a identidade do caroneiro como imigrante ilegal através da rota que pretende seguir. Confirmado o desejo de fuga para o norte, busca saber sua procedência. Inicialmente associa-o à região de onde provem inicialmente, a maior massa de imigrantes negros da história da Inglaterra pós-guerra, o Caribe.

Uma vez estabelecida a procedência, o motorista dispõe já dos elementos básicos para que classifique o homem a seu lado. Como fica implícito nessa parte da narração, e é



confirmado na quarta parte do romance, Mike, o motorista, difere dos outros ingleses que Gabriel havia encontrado, e torna-se o homem que o acolhe, apresenta-o a amigos, e esforça-se para que o africano sinta-se em casa na Inglaterra, e reconstrua sua vida nesse país. Sua visão de mundo é informada pelo múltiplo, e isso faz toda a diferença. Porém, mesmo aberto ao cruzamento de fronteiras raciais, sociais e culturais, Mike necessita tomar sua cultura como parâmetro na construção de seu conhecimento, como quando pergunta se Solomon é o mesmo nome que se encontra na Bíblia, base cultural comum da cultura ocidental, mas não necessariamente da africana, se excluída a influência do colonizador.

A atitude de Mike está em agudo contraste com a dos habitantes de Stoneleigh, que se apegam à constatação do diverso e, tomando a si próprios como padrão universal de validação, hostilizam o negro e a Dorothy, que a ele se associa. Enquanto esta última apenas recebe a advertência de que poderia achar melhor companhia para seus passeios, o negro é convidado a se retirar por meio de cartas assinadas e, ante a insistência em permanecer no local, é alvo de agressão física que, embora inicialmente planejada para acovardá-lo e forçar sua saída, acaba em assassinato. O contexto deixa claro que a motivação é puramente racial: o “negro” como é chamado pelos que o discriminam, é descrito por Dorothy como sendo extremamente limpo, organizado, discreto, eficiente e quieto.

As duas atitudes frente ao estrangeiro tornam o estudo da construção do outro no romance fascinante, uma vez que se constituem em expressões das maneiras peculiares e contrastantes de encarar o mundo. Tal exame, como brevemente exemplificado, não há de se basear apenas na trama, mas na cuidadosa avaliação da visão de mundo que informa a narração, como por exemplo a percepção inicial de Solomon da Inglaterra como uma “ilha de pedra” (p. 168), ou sua afirmação de que “a Inglaterra não atravessava por nenhum período de guerra” ante a casa abandonada (p. 179), que se torna depois irônica se contemplada no contexto da oposição posterior de que é alvo, e que o leva a questionamentos como “Isto é a Inglaterra. Para que tipo de lugar eu vim?” (p. 43). Com uma leitura dessa natureza, estaremos efetivamente desenvolvendo uma pedagogia da alteridade, em que o desnudamento e compreensão dos mecanismos de produção da diferença conduza à abertura à pluralidade, e à aceitação do outro como ele é.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BLOOM, Benjamin S; KRATHWOHL, David R; MASIA, Bertran B. *Taxionomia de objetivos educacionais*. Porto Alegre: Globo, 1972.

KRISTEVA, Julia. *Estrangeiros para nós mesmos*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

PHILLIPS, Caryl. *Uma margem distante*. Rio de Janeiro: Record, 2006.

SILVA, Tadeu Tomás da. (Org.) *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

_____. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tadeu Tomás da. (Org.) *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. p. 73-102.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual.

In: SILVA, Tadeu Tomás da. (Org.) *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. p. 7-72.